

GRUPO DE TRABALHO: CULTURA E TRADIÇÃO

**DO RURAL AO URBANO: GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DO SAMBA
PAULISTA**

Palavras-chave: samba paulista, samba de bumbo, samba rural, cultura popular, tradição popular.

Resumo: Este artigo apresenta considerações sobre a origem e evolução do samba no estado de São Paulo. Pretende traçar as principais características das tradições que de alguma forma influenciaram na gênese da manifestação sambística paulista, entre elas Congada, Moçambique, Batuque de Umbigada, Jongo, Cateretê, Samba de Bumbo, Tiririca e Batuque de Engraxates e mapear as influências incorporadas no samba como é manifestado em São Paulo. Esta pesquisa tem como pretexto *o Ciclo Samba Paulista: do Rural ao Urbano*, realizado no Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc em São Paulo em 2015 e alia a fonte primária dos depoimentos dos integrantes das tradições abordadas à fala dos pesquisadores da área e ao material bibliográfico disponível para construir argumentos e propor reflexões.

Resumo Expandido: O objeto de estudo deste artigo surge em novembro de 2014 com a organização e realização do *Ciclo Desde que o Samba é Samba* no Centro de Pesquisa e Formação¹ do SESC em São Paulo. Tivemos oportunidade de organizar o ciclo cujo resultado será exposto no XI ENECULT, onde o artigo *Desde que o Samba é Samba: Identidade e Diversidade no Gênero Musical Nacional* que oferece reflexões e sínteses entre os seis encontros do ciclo e a bibliografia sobre o assunto será apresentado.

Uma das conclusões extraídas do ciclo e da própria bibliografia, ainda parca sobre o assunto, é que o samba paulista (do Estado) e paulistano (da cidade) merecem maior investigação sobre sua natureza e gênese, manifestação esta que se mostra como afro caipira. Sendo assim, iniciamos uma pesquisa sobre as principais influências e representantes destas tradições presentes na formação do samba em São Paulo e propusemos o *Ciclo Samba*

¹ O Centro de Pesquisa e Formação é uma das 34 Unidades do Sesc no Estado de São Paulo, implantado em agosto de 2012. Tem nas competências e atribuições de seus profissionais a construção de um espaço de articulação e disseminação de conhecimentos específicos envolvendo a qualificação de gestores culturais.

Paulista: do Rural ao Urbano, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, em abril de 2015.

O objetivo da presente pesquisa é, além de ampliar o acesso às informações e aos debates ocorridos durante o ciclo e sintetizar as distintas falas possibilitando novas pesquisas, cruzar as informações expostas durante os encontros com a bibliografia existente, salientando o ponto de intersecção procurado: o samba paulista e formular reflexões que possam contribuir para o conhecimento da gênese e do desenvolvimento do samba no estado de São Paulo.

Durante o ciclo estiveram presentes representantes das principais manifestações populares paulistas entre elas: Congada, Moçambique, Jongo, Batuque de Umbigada, Samba de Bumbo, Cateretê, e foram abordadas as primeiras manifestações sambísticas da capital paulista: a tiririca, os batuques de engraxates, os primeiros cordões e a constituição das escolas de samba, com objetivo de registrar a fala dos diversos mestres que praticam estas tradições e de melhor averiguar as origens do samba paulista.

As palestras e mesas de debates foram registradas em áudio e servem de material aliado à bibliografia para a presente pesquisa nos auxiliando a investigar as quais os caminhos que estas tradições percorreram e de que modo influenciaram o samba.

Há diferentes tipos de samba ao longo da costa brasileira, dependendo dos grupos étnicos de escravos que para cá foram trazidos e da natureza das tradições locais que aqui encontraram. A maioria proveniente da região de Angola/Congo. O samba começou a manifestar-se na Bahia, sem pedir licença veio se espalhando pelo Brasil junto à diáspora africana. Esse povo foi negociando seu espaço na sociedade em que se instalava, seduzindo e deixando-se seduzir com maleabilidade e capacidade de acomodação, misturando-se às realidades locais, conquistando, assim, o direito a prática, manutenção e adaptação de sua cultura. O samba pode, portanto, expressar diferentes visões de mundo. Pode representar diferentes entidades da nação.

O samba da então capital federal, Rio de Janeiro, deu vida e identidade para o samba no Brasil, atendeu aos anseios políticos das primeiras décadas

do século XX, representando os ideais nacionalistas, correspondeu aos interesses econômicos, pois se tornara um produto rentável e ainda ia ao encontro de uma elite que já havia sido seduzida pelo samba, no entanto, a massificação gerada pelo rádio, televisão e a indústria fonográfica, impôs ao território nacional o modelo de samba e posteriormente das escolas de samba do Rio de Janeiro, obscurecendo as diversas facetas com que o samba se manifesta no país, inclusive em São Paulo, cidade que havia sido escolhida no plano nacional como a locomotiva econômica, ligada ao progresso, que não combinava com os batuques feitos por negros, assim como não combinava a imagem do sambista, o malandro, com aquela que seria conhecida como capital do trabalho.

No que toca à diversidade do gênero entre o samba paulista e samba carioca é que o primeiro é legítimo descendente do samba rural, o samba de umbigada, o samba de roda, com os músicos participando da roda e dança de pares separados, alternando-se no centro da roda, convidados a entrar na roda com uma umbigada, uma simulação de umbigada ou com uma pernada (SANDRONI, 2001).

O samba de São Paulo tem sua origem no samba rural da Bahia, porém incorpora diversas manifestações locais, indígenas, africanas e europeias. Segundo o depoimento de Osvaldinho da Cuíca:

A chula é uma influência baiana que nos deu um referencial muito bom. Difícil determinar a origem do samba paulista, são muitas vertentes desta cultura e todas elas influenciam em um determinado seguimento do samba, samba urbano, samba rural, samba do rádio. Podemos falar na influência do cordão, que tem origem milenar nos ternos, nos três reis magos. O Nordeste foi pioneiro nisto, tradição trazida pelos europeus. O samba de rua, os cordões que influenciaram o Brasil todo, a corte, o rei, a rainha, vem das congadas, é muito forte a presença da cultura negra catequisada pelos jesuítas, transformou os santos e nossa tradição religiosa. Depois da influência nordestina, a maior influência que São Paulo ganhou foi a carioca, do rancho, porque os enredos vêm dos ranchos. O enredo determinou a montagem da escola, mudou todo o esquema, porque nos cordões não havia enredo. Tenho medo de falar de uma influência só, como falar da chula, pois há a influência de toda cultura afro, ameríndia e europeia. O samba tem influência do Jongo, das canções de mineração: se o jongo é o pai do samba, o lundu foi seu

avô. A presença da religiosidade está sempre nas músicas sertanejas e no samba rural².

A pesquisadora Olga Von Simson nota que a influência nordestina no samba rural é tão antiga que está na estrutura dele:

A partir de 1860, os escravos vindos do Nordeste, para trabalhar nos cafezais, pois não era mais permitido o tráfico, e havia uma praga de algodão no Nordeste, vinham do porto de Santos até Campinas, em mulas as mulheres e a pé os homens. Estes escravos já não são mais africanos, são criolos, foram nascidos e criados no Nordeste onde absorveram toda a dança de roda, toda a prática de dança sambística do Nordeste. São eles que trazem para São Paulo este conhecimento, que vai se juntar a prática do Jongo do estado de São Paulo e aí vai surgir o samba rural, no interior do Estado, reunindo estas experiências tão ricas³.

As escolas de samba do Rio de Janeiro tiveram sua origem nos ranchos, já as escolas de samba paulistas nasceram dos cordões. Conforme relata a pesquisadora Olga Von Simson:

Dionísio Barbosa, fundador do primeiro cordão da cidade vai trabalhar no Rio de Janeiro e lá entra em contato com grupos mais informais que saíam no carnaval carioca e volta para São Paulo com a ideia de montar uma agremiação. Morando em uma chácara na Barra Funda, na Rua Conselheiro Brotero e ali criou um cordão. Seus componentes não eram exclusivamente afro paulistas, mas também italianos e quem mais gostasse de samba, isto em 1914⁴.

Os cordões tiveram origem nos ternos, nos Reis Magos, eram acompanhados do som dos bumbos, com batida profunda e cadenciada, o surdo vem do Rio de Janeiro e é incorporado na transição dos cordões para as escolas de samba, tornando o samba mais agudo e mais apressado (Von Simson, 2014). Os cordões diferentemente dos ranchos, não possuíam enredo. Quando, em 1972, o regulamento das escolas de samba do Rio de Janeiro é adotado para São Paulo, houve uma ruptura nas tradições locais, conforme conta Simson:

² Palestra realizada no Ciclo Desde que o Samba é Samba, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, São Paulo, novembro, 2014.

³ Palestra realizada no Ciclo Desde que o Samba é Samba, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, São Paulo, novembro, 2014.

⁴ Idem, 2014.

Em 1972, o regulamento de São Paulo é feito, com base no regulamento do Rio. Houve uma ruptura abrupta entre os cordões e o modelo carioca. É triste, pois se perde esta tradição das grandes fazendas de café, dos escravos que se reuniam para fazer seus instrumentos, do som do samba rural que é mais profundo, mais lento, mais cadenciado, isto acaba ficando no passado. O modelo carioca se impõe⁵.

Nas palavras de Osvaldinho da Cuíca:

Foi a morte da cria. Foi a troca dos nossos cordões que poderiam ter se desenvolvido. Pois nossos cordões vêm das congadas, do divino. O caboclo, o negro, os cafezais, pois havia muita festa nas colheitas, isto influenciou nossos cordões, vindo do nordeste do país para o Vale do Paraíba. Por isto o urbano tem muito do rural, pois estavam aqui perto as fazendas⁶.

Mesmo antes da formalização do carnaval paulista e a criação das escolas de samba aos moldes cariocas, a homogeneização do samba carioca como realidade nacional já havia se começado a ser instaurada:

Com forte influência da indústria cultural, que se desenvolveu a partir dos anos 30 e 40, com o rádio, mas que ganhou muito mais força com o advento da televisão, a partir dos anos 50, tornando-se uma força dominante no final dos anos 60 e durante a década de 70. O samba paulista passa a ser pouco valorizado no cenário nacional. Assim, por obra da indústria cultural, os espaços tradicionais do samba de São Paulo que funcionavam como mantenedores da tradição afro paulista passaram a consumir o samba baiano ou carioca, isto é, as últimas criações de origem midiática, ficando as criações do samba paulista relegadas a um segundo nível, pouco reconhecido e pouco valorizado⁷.

Se o samba paulista desapareceu das escolas de samba e dos rádios, no entanto, continuou firme na manutenção dos compositores que serviram e servem de inspiração para a renovação das mais de cinquenta comunidades de samba existentes em São Paulo atualmente, muito foi dito sobre militância enquanto resistência pelos palestrantes do ciclo, pois como frisou a pesquisadora Olga Von Simson:

⁵ Ibidem, 2014.

⁶ Palestra realizada no Ciclo Desde que o Samba é Samba, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, São Paulo, novembro, 2014.

⁷ Olga Von Simson in: Palestra realizada no Ciclo Desde que o Samba é Samba, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, São Paulo, novembro, 2014.

São manifestações culturais com uma profundidade e com uma ligação com a tradição tão forte que a mídia pode se valer delas para ganhar dinheiro, mas não é a mídia que vai dar a razão de ser destas manifestações. A mídia se aproveita desta criatividade para criar produtos, mas quem pratica quem estuda, quem gosta, continua fiel, continua praticando e mantendo este processo vivo⁸.

Este artigo visa ainda investigar de que maneira as diversas manifestações do catolicismo popular e da tradição afro religiosa foram empurradas para o calendário profano do carnaval, além de procurar demonstrar que estas matrizes religiosas continuam presentes na ritualística carnavalesca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo, Martins, 1965.

DOMINGOS, André, BARROS, Osvaldinho. *Batuqueiros da Pauliceias*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

MANZATTI, Marcelo Simon. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista*. 2005. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917 – 1933*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

SIMSON, Olga Rodrigues Von. *Carnaval em Branco e Preto*. 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 2007.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2012.

DVD

IKEDA, Alberto, DIAS, Paulo. *São Paulo Corpo e Alma*. São Paulo: Associação Cachuera, 2003.

FONTES PRIMÁRIAS

⁸ Olga Von Simson in: Palestra realizada no Ciclo Desde que o Samba é Samba, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, São Paulo, novembro, 2014.

ÁUDIOS

CICLO SAMBA PAULISTA: DO RURAL AO URBANO 2015, São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. *Palestra Congada e Moçambique*

CICLO SAMBA PAULISTA: DO RURAL AO URBANO 2015, São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. *Palestra Catira ou Cateretê.*

CICLO SAMBA PAULISTA: DO RURAL AO URBANO 2015, São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. *Samba Rural: Batuque de Umbigada, Jongo e Samba de Bumbo*

CICLO SAMBA PAULISTA: DO RURAL AO URBANO 2015, São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. *Palestra os Cordões Carnavalescos.*

CICLO SAMBA PAULISTA: DO RURAL AO URBANO 2015, São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. *Palestra As escolas de Samba de São Paulo.*

CICLO SAMBA PAULISTA: DO RURAL AO URBANO 2015, São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. *Nas esquinas: Tiririca e Batuque.*